



A educação física tradicional sofre, mas ainda vive

Jarbas Gomes Remonte

Departamento de Educação Física, Universidade Nove de Julho, Rua Guaranésia, 425, 2633-9000, Vila Maria, São Paulo, São Paulo, Brasil.
E-mail: jgremonte@ig.com.br

RESUMO. Esportivista, militarista, disciplinadora, acrítica... são vários os adjetivos utilizados para qualificar negativamente a Educação Física tradicional. Isso provocou-nos um interesse no sentido de verificar se tais críticas são procedentes e realizar uma breve discussão sobre possibilidades de utilização de elementos ditos tradicionais na atual Educação Física escolar. Para tanto, buscamos em pesquisadores da História da Educação Física brasileira referências à Educação Física tradicional que justifiquem aquelas críticas. Em seguida, recorreremos à Didática para conceituar a Pedagogia tradicional e aplicar esse conceito à Educação Física, de modo que ela possa ser denominada também de tradicional. Num terceiro momento, analisamos algumas críticas a esse tradicionalismo na tentativa de verificar se são procedentes. Concluímos que se algumas críticas são procedentes, outras apresentam equívocos. Entendemos que há uma confusão conceitual importante quando se fala em Educação Física tradicional. Por fim, sugerimos que a Educação Física tradicional ainda tenha espaço no quadro atual da Educação Física escolar.

Palavras-chave: educação física tradicional, história, pedagogia.

Traditional physical education in trouble albeit still alive

ABSTRACT. Sportive, militaristic, disciplinarian, uncritical... these adjectives are used to describe negatively traditional Physical Education. The above brought forth immediate interest in checking whether such criticism was well founded and triggered a brief discussion on the possibility of using traditional elements in current school Physical Education. Accordingly, research in the history of Physical Education in Brazil to justify such criticism was endeavored. Further, Didactics was analyzed to foreground traditional Pedagogy and apply the concept to Physical Education so that it could also be called traditional. Certain criticism for such traditionalism was investigated to determine whether it was correctly well founded. Finally, a conclusion was reached that if certain criticisms are well founded, other are ambiguous. There is actually an important conceptual confusion when the term traditional is used in Physical Education. It may be suggested that traditional Physical Education still has a place in current Physical Education in the school.

Keywords: Traditional physical education, history, pedagogy.

Um homem sem raízes é um homem morto na sua
integração ao mundo – alado, solto, imbuído da síndrome de
orfandade cultural (FÁTIMA QUINTAS, 2007, p. 45).

Introdução

Temos ouvido, nos meios acadêmicos, a versão de que as abordagens da Educação Física, surgidas a partir da década de 1980, se opuseram a uma 'Educação Física tradicional'. Essa Educação Física vem sofrendo, ao longo dos anos, pesadas críticas de muitos autores que utilizam retrospectivas da História recente da área num esforço de contextualização para dar sentido a seus argumentos. Esportivista, militarista, disciplinadora, alienante, acrítica... são vários os adjetivos utilizados para qualificá-la de maneira negativa.

Justamente o fato de que as qualidades atribuídas à Educação Física tradicional aparecem em farta

variedade provocou um interesse imediato em verificar se tais críticas são procedentes e, na sequência, realizar uma breve discussão sobre possibilidades de utilização de elementos ditos 'tradicionais' na atual Educação Física escolar. Para tanto, buscamos em alguns pesquisadores da História da Educação Física brasileira referências à Educação Física tradicional que justifiquem aquelas críticas. Em seguida, recorreremos à Didática para conceituar a Pedagogia tradicional e aplicar esse conceito à Educação Física, de modo que ela possa ser denominada também de 'tradicional'. Em um terceiro passo, analisamos algumas críticas a esse tradicionalismo na tentativa de verificar se são, realmente, procedentes.

Percebemos que, se algumas delas têm razão de ser, como a afirmação de que a Educação Física tradicional não intenciona desenvolver uma atitude crítica diante da realidade político-sócio-econômica, outras são equivocadas. Entendemos que, mesmo por parte de alguns autores consagrados que conhecemos, respeitamos, admiramos e cujas obras, vale ressaltar, muitas vezes usamos e continuaremos usando como referências por sua inegável qualidade, há uma confusão conceitual importante quando se fala em Educação Física tradicional.

Por fim, sem a pretensão de fechar a questão, que sabemos polêmica, sugerimos que a Educação Física tradicional ainda possa ter algum espaço no quadro que hoje se desenha para a Educação Física escolar.

A Educação Física tradicional na História da Educação Física brasileira

Melo (1997), ao traçar um panorama da estruturação da Educação Física brasileira, divide a sua historiografia em três fases:

- a primeira, marcada pelo caráter embrionário de desenvolvimento dos estudos, estava

[...] mais voltada para os aspectos históricos da ginástica enquanto forma de 'educação do físico', com ênfase nas compreensões e abordagens de caráter mundial. ... De fato, pode-se considerar que no momento dessa produção a forte influência do positivismo ainda imperava, relegando à História uma função descritiva-factual (MELO, 1997, p. 15, grifo do autor).

- a segunda, cujo maior representante foi Inezil Penna Marinho, foi marcada pelo início de uma produção e preocupação maior com os estudos históricos, tanto nos aspectos qualitativos quanto nos quantitativos.

Embora apresente claras diferenças, algumas similaridades com a fase anterior ainda são observáveis: a periodização ainda é exterior ao objeto de estudo, isto é, ligada à periodização política nacional; suas obras ainda são um levantamento de datas, fatos e nomes, apresentados sequencialmente, ano após ano, sem uma preocupação maior com a análise crítica deste material; continua a apresentar uma 'História oficial', onde os expoentes recebem lugar de privilégio absoluto (MELO, 1997, p. 17, grifo do autor).

- a terceira fase, da qual fazem parte Lino Castellani Filho e Paulo Ghiraldelli Junior, busca uma inspiração teórica marxista sobre o determinismo histórico e parece não se preocupar muito com análises de aspectos pedagógicos.

[...] onde se destaca o estudo de Lino Castellani Filho, hoje uma das obras mais lidas na nossa área. Nesse estudo, bastante influenciado pelas discussões

peculiares à Educação Física da década de 80, o autor fundamentalmente objetivou recontar a História da Educação Física no Brasil dando ênfase ao desvelar dos aspectos ideológicos que estiveram por trás de tal desenvolvimento e percurso (MELO, 1997, p. 18-19).

Nós nos deteremos nessa terceira fase, período sobre o qual deitaremos nossa reflexão sobre as confusões didático-conceituais que são objeto deste estudo.

A 'visão tradicional'¹ (GANCZ, 2006) da História da Educação Física brasileira divide-a em cinco fases distintas, segundo Ghiraldelli Junior (apud LINCZUK, 2003):

- Educação Física higienista (1889-1930), que vislumbrava a possibilidade e necessidade de resolver o problema da saúde pública pela educação;

- Educação Física militarista (1930-1945), uma concepção de Educação Física inspirada no fascismo, coerente com os princípios autoritários de orientação fascista, destacando o papel da Educação Física e do desporto na formação do homem obediente e adestrado;

- Educação Física pedagógica (1945-1964), preocupada com a juventude que frequenta as escolas, concepção que busca integrar a Educação Física como disciplina educativa por excelência no âmbito da rede pública de ensino;

- Educação Física competitivista (1964-1985), cujo objetivo fundamental é a caracterização da competição e da superação individual como valores fundamentais e desejados para uma sociedade moderna e

- Educação Física popular (1985-), que emerge da prática social dos trabalhadores e, em especial, das iniciativas ligadas aos grupos de vanguarda do movimento operário e popular (LINCZUK, 2003).

Paulo Ghiraldelli Junior tornou-se referência recorrente entre pesquisadores da Educação Física brasileira que precisam de uma contextualização histórica em seus trabalhos. Se sua divisão da História da Educação Física brasileira, particularmente nos últimos três períodos, não faz referência a uma Educação Física tradicional, é de se estranhar que ela apareça com tanta frequência em textos que a criticam.

Magalhães (2005) escreve sobre a introdução do esporte como conteúdo da Educação Física escolar no pós Segunda Guerra Mundial a partir do trabalho de Auguste Listello e de como a ditadura militar tentou utilizá-lo:

¹erá o leitor, mais à frente, que o autor citado utiliza a palavra 'tradicional' no sentido de 'usual', 'costumeiro', sentido este que será objeto de questionamento ao longo deste trabalho.

O esporte tornou-se paulatinamente o conteúdo hegemônico de Educação Física nas escolas de 1º e 2º graus depois da Segunda Guerra Mundial, com uma orientação da Educação Física Desportiva Generalizada, inserida por Auguste Listello, no Brasil. [...] Já a partir de 1969, em pleno regime militar, o esporte torna-se hegemônico e referência fundamental na Educação Física. [...] O caráter competitivo do esporte de rendimento passou a fundamentar o método educativo em Educação Física (MAGALHÃES, 2005, p. 94).

Vitor Marinho de Oliveira (1994), por sua vez, narra alguns dos acontecimentos protagonizados por professores que se opunham ao ‘caráter competitivo do esporte de rendimento’ como o centro do trabalho da Educação Física nas escolas:

Os anos 1970 incorporaram elementos da pedagogia ao corpus teórico da Educação Física brasileira, ainda que em sua versão tecnicista, via didática. O velho jargão de que Educação Física é educação tornou-se realidade. Apenas nos anos 1980 parece surgir a perspectiva de Educação Física como prática social. Até o final dos anos 1970, apesar de pedagogizada, a Educação Física ainda não era analisada em suas implicações políticas (OLIVEIRA, 1994, p. 17).

Pode-se perceber, por esses exemplos, que alguns dos principais historiadores da Educação Física brasileira discorrem sobre sua evolução sem fazer referências explícitas a uma ‘Educação Física tradicional’, em especial no período do pós-guerra, quando a Educação Física Desportiva Generalizada integrou um ‘período pedagógico’, sem referências a uma corrente pedagógica específica, e no período da ditadura militar, quando ela é considerada, quando muito, tecnicista. Trata-se, então, de tentar entender o que ela, de fato, é (o presente do verbo ‘ser’, neste caso, é intencional; grifo do autor).

Tradição, educação e Educação Física

Nossa opção metodológica foi de caminhar da Pedagogia tradicional à Educação Física tradicional. Assim sendo, cabe entender os possíveis significados e a origem da palavra ‘tradição’. Para tanto, resolvemos apelar, como bons estudantes, a um dicionário de referência acadêmica e encontramos o seguinte:

Tradição

1 ato ou efeito de transmitir ou entregar; transferência 2 comunicação oral de fatos, lendas, ritos, usos, costumes etc. de geração para geração <t. esquimós> 3 herança cultural, legado de crenças, técnicas etc. de uma geração para outra 3.1 conjunto dos valores morais, espirituais etc., transmitidos de geração em geração <a geração hippie rompeu com

a t.> 4 transmissão de uma notícia ou de um fato <t. oral> 5 em certas religiões, conjunto de doutrinas essenciais ou dogmas não explicitamente consignados nos escritos sagrados, mas que, reconhecidos e aceitos por sua ortodoxia e autoridade, são, por vezes, us. na interpretação dos mesmos 6 aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; recordação, memória, eco 7 tudo o que se pratica por hábito ou costume adquirido 7.1 uso, costume <a t. do feijão com arroz> (HOUAISS, 2009)

Etimologicamente, o mesmo dicionário nos diz:

‘ETIM’ lat. traditio,ónis ‘ação de dar; entrega; transmissão, tradição, ensino’ (HOUAISS, 2009, grifo do autor).

O Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (CUNHA, 2007, p. 780), por sua vez, nos brinda com a seguinte informação:

“TRADIÇÃO: ‘Ato de transmitir ou entregar’, ‘transmissão oral de lendas, fatos, valores espirituais, etc., através de gerações’ ‘Do latim *traditio* –onis” (grifo do autor).

Verifica-se que há vários sentidos possíveis para a mesma palavra. No entanto, é necessário entender que, quando se trata de ciência, por exemplo, da Pedagogia, não podemos utilizar o sentido mais vulgar, de algo que se faz apenas por hábito ou costume. Aplicada à educação, a palavra ‘tradição’ vem impregnada do sentido de transmissão de algo (conhecimento? valores?), de geração para geração, preferencialmente de forma oral. Quintas (2007), em estudo histórico/antropológico sobre a importância da cana-de-açúcar na evolução do Nordeste brasileiro, esclarece a questão:

Tradição, do latim *traditio*, *traditionis*, derivado do verbo *tradere*, significa entregar, transmitir, legar à geração seguinte. Embora o verbo se referisse, de início, à transmissão de coisas triviais, ao tempo acresceram-se as reservas marcantes de um passado que repercute no presente e, presumivelmente, no futuro. Logo, tradição é a transmissão oral de fatos, lendas, acontecimentos, de idade em idade, de geração em geração através do fio condutor dos testemunhos. Aqui dois aspectos sobressaem: o da oralidade e o da transmissão (QUINTAS, 2007, p. 44).

Chega a impressionar o quanto o conceito original de ‘tradição’ pode ser identificado com a função do professor, como aquele que deve transferir, transmitir os conhecimentos acumulados ao longo da história da humanidade para as novas gerações que, por sua vez, construirão um futuro repleto de novos conhecimentos a serem novamente transmitidos numa interminável espiral que, ao

mesmo tempo, difunde e transforma a cultura. Na verdade, esse conceito está diretamente relacionado à própria concepção de escola, como ‘tradicionalmente’ a conhecemos. Daí podermos admitir a existência de uma ‘Pedagogia tradicional’. Passemos, então, a ela:

Nesta tendência pedagógica, as ações de ensino estão centradas na exposição dos conhecimentos pelo professor. O professor assume funções como vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria. É visto como a autoridade máxima, um organizador dos conteúdos e estratégias de ensino e, portanto, o único responsável e condutor do processo educativo. Há predominância da exposição oral dos conteúdos, seguindo uma sequência predeterminada e fixa, independentemente do contexto escolar; enfatiza-se a necessidade de exercícios repetidos para garantir a memorização dos conteúdos (PEREIRA, 2003, p. 1529).

Nota-se, portanto, que na Pedagogia tradicional, o foco, o centro de todo o processo de ensino, se localiza no professor. Essa é sua grande e principal característica. É exatamente por isso que essa maneira de ensinar se denomina ‘tradicional’, da forma como indica, e assim tem que ser entendida a etimologia da palavra.

O professor é o centro do processo pedagógico. A ele compete selecionar o saber, ordená-lo de forma lógica, e transmiti-lo ao aluno que passivamente o recebe, através do método expositivo e/ou demonstrativo. Cabe ao professor, também, avaliar o aluno em termos exclusivamente cognitivos. O professor, portanto, controla todo o processo pedagógico. Percebemos que essa tendência nega o saber adquirido pelo aluno na sua situação existencial. Por isso, diz-se que ela separa o saber teórico da experiência prática (PILETTI, 1995, p. 50).

A distinção que Piletti faz entre saber teórico e experiência prática, que reflete uma histórica dicotomia mente/corpo numa perspectiva logocêntrica, evidentemente tem reflexos sobre a Educação Física em ambientes de Pedagogia tradicional. Se os professores das disciplinas ditas teóricas, em sala de aula, acabam avaliando ‘em termos exclusivamente cognitivos’, é de se esperar que, em quadra, os professores de Educação Física façam exatamente o contrário.

A Educação Física tradicional, ao longo do tempo, tem sido o espaço das atividades físicas e dos exercícios preconizados. E a representação pedagógica do professor vem sendo identificada dentro de uma perspectiva em que este é o mestre, o mestre que sabe todas as coisas, e assim pode levar para a escola um conhecimento acabado, pronto para distribuí-lo homogeneamente ao alunado. [...] E a

mediação entre aluno e professor se baseia na Pedagogia auto-centrada no professor, onde o papel central no processo educacional é de um professor que transmite o saber corporal via mala direta (OLIVEIRA, 1999, p. 48).

Torna-se evidente que a denominada Educação Física tradicional realmente é um tipo de ensino que, de forma coerente com o pensamento pedagógico tradicional, vai tratar de assuntos relacionados à prática de atividade física como algo ligado exclusiva e diretamente ao corpo. Porém, o que a caracteriza como, verdadeiramente, tradicional, é o papel central do professor. Ele planeja, executa e avalia. Ao aluno cabe o papel de aprender. É a transmissão do saber em mão única. O professor ‘ensina’.

Podemos pensar que a Educação Física tradicional tinha em sua gênese a centralidade não só das decisões sobre o que fazer, mas, também, a condução de um processo didático-metodológico em que a aprendizagem estava amparada nas crenças e valores do professor (BOSSLE; MOLINA NETO, 2009, p. 95).

Confusões e consequências

Edgar Morin, em *Os sete saberes...* (2006), um de seus livros menos complexos, porém mais conhecidos, em determinado momento discorre sobre o erro como risco inerente à produção e à transmissão do conhecimento. Em suas palavras, o erro ‘parasita’ o *Homo sapiens* desde seu aparecimento e não há conhecimento que não esteja ameaçado por ele. Entre as várias origens possíveis para o erro, Morin aponta ‘os erros da razão’. Aí a racionalidade que ‘garante o caráter lógico da organização teórica’ e uma postura crítica diante da possibilidade concreta do erro e da ilusão, se transmuta em racionalização, semelhante à racionalidade, mas que se fundamenta ‘em bases mutiladas ou falsas e nega-se à contestação de argumentos e à verificação empírica’.

Ao analisarmos alguns textos sobre Educação Física que fazem referências à Educação Física tradicional, sempre com críticas negativas e, por vezes, muito pesadas, verificamos, ao confrontá-las com os conceitos anteriormente desenvolvidos sobre Pedagogia tradicional, que elas nem sempre correspondem à realidade. O erro da racionalização surge no momento em que o significado da palavra ‘tradição’ utilizado para qualificar essa Educação Física é o mais vulgar, fruto do senso comum. Significado que acaba sendo incorporado em um processo normal de evolução de uma língua viva como é a portuguesa, mas que, sendo originado do senso comum, dificilmente pode ser aplicado em uma área de conhecimento científico como é a Educação Física².

²Resolução CNE/CES 7, de 31 de março de 2004: Art. 3º A Educação Física é uma área de conhecimento e de intervenção acadêmico-profissional que tem como objeto de estudo e de aplicação o movimento humano... (CNE, 2004).

A resultante dessa confusão conceitual é a ideia de que a Educação Física tradicional é aquela que se costumava fazer antes do surgimento das abordagens na década de 1980, no caso uma Educação Física esportivista, fruto do tecnicismo implantado pela ditadura militar. Sua finalidade seria a de abastecer uma economia industrializada em rápida expansão com mão de obra farta e barata ou, no nosso caso, produzir rapidamente uma geração de atletas de alto nível que, ao conquistar títulos e medalhas, faria, por conseguinte, o *marketing* do regime. Outra confusão constatada é a existente entre a Educação Física tradicional e a higienista, esta sim de origem médica e caráter biologicista.

Tais confusões produziram ideias no interior das universidades que influenciaram, e continuam influenciando, toda a área, formando gerações seguidas de professores que renegam seu passado, as bases sobre as quais a Educação Física foi construída, a sua 'tradição', no sentido mais estrito. Senão, vejamos:

Em contraposição a Educação Física escolar tradicional baseada em princípios fisiológicos, na valorização do esportivismo e do tecnicismo, diversas proposições teórico-metodológicas com caráter de inovação foram apresentadas desde meados de 1980 no Brasil. Tais proposições sugerem a superação do ensino da Educação Física que toma por base a compreensão dos sujeitos como movimentos de 'homens máquinas', reprodutores de gestos estereotipados, como os dos esportes-espetáculos em direção de um ensino que possibilite a apropriação e recriação crítica e autônoma das diversas manifestações da cultura de movimento (SO; BETTI, 2009, p. 540, grifo do autor).

O parágrafo acima, conquanto firme um louvável posicionamento político favorável à criticidade e à autonomia, com o qual, diga-se de passagem, concordamos, parte da premissa equivocada de que o foco da Educação Física tradicional está no conteúdo, quando já demonstramos anteriormente que sua principal característica é a centralidade no professor. A definição do conteúdo é, exclusivamente, atribuição sua, podendo, ou não, ser esporte ou ginástica com fins de condicionamento físico. Quanto ao tecnicismo, explicitamente citado, a Didática e a Filosofia da Educação o definem como uma corrente pedagógica com características próprias, diferente do tradicionalismo, embora seja possível a existência de algumas intersecções, que não permitem, no entanto, a redução de um ao outro.

Na Educação Física tradicional a técnica que não se assemelha com o gesto do atleta de alto nível, tido como referência, tende a ser vista como errônea ou de baixa qualidade, de modo que há a insistência em se dizer que o aluno não sabe praticar esporte se não realizar os movimentos de acordo com certas prescrições biomecânicas e fisiológicas (DAOLIO; VELOSO, 2008, p. 12).

Vemos, aí, um grande problema: mais do que a ocorrência de um debate meramente acadêmico em torno de conceitos aparentemente sem importância, quando autores influentes, com vasta obra de reconhecida qualidade, e que nós frequentemente também citamos com admiração e respeito, incorrem em equívocos desse tipo, induzem uma enorme legião de novos pesquisadores/professores ao mesmo erro, com o agravante de que é aceito como verdade absoluta sem questionamento de qualquer espécie.

Na Educação Física tradicional e na formação pelo esporte, o que conseguimos do aluno é o rendimento gestual, podendo resultar no corpo-instrumento, ação sem reflexão, sinônimo de adestramento (MAGALHÃES, 2006, p. 169).

O trecho acima reafirma o mesmo tipo de crítica. É fato que o foco do processo de ensino no professor não favorece a reflexão por parte do aluno sobre a ação realizada. O autor, porém, se refere a uma 'formação pelo esporte' como se essa manifestação de nossa cultura, por si só, tivesse o poder de definir o rumo de seus praticantes e expressa um severo juízo de valor sobre a atividade. Isso parece sugerir que as ações humanas no contexto escolar são irrelevantes e que o importante, realmente, é o conteúdo ministrado. Nota-se, também, um aumento no tom de agressividade pelo uso da palavra 'adestramento', o que sinaliza a possível transformação do argumento racional em dogma, outra grande origem de erros apontada por Morin (2006).

Embora alguns avanços tenham sido conquistados na Educação Física, muitas pesquisas realizadas no cotidiano escolar ainda revelam a predominância de uma Educação Física tradicional na qual as práticas pedagógicas se reduzem exclusivamente ao ensino de técnicas e regras desportivas predeterminadas através de metodologias diretivas. Nesta perspectiva, o aluno é tratado como um mero repetidor (autômato, robô) de habilidades, consideradas importantes ou não pelo professor, que neste caso tem total autoridade no processo de ensino-aprendizagem. Com certeza esta Educação Física não serve mais (BRANDL, 2002, p. 30).

Nesse trecho é visível uma confusão ainda maior entre Educação Física tradicional e esportivismo,

num texto também confuso [...habilidades consideradas importantes ou não (?) pelo professor...] e que acentua uma negação do passado que ainda não nos é possível quantificar, mas que, no exercício cotidiano da atividade docente, podemos perceber como crescente. É notável, contudo, a assertiva de que esta Educação Física não serve mais. Aqui, de forma incontestada, o que deveria ser apenas um argumento questionável por sua própria natureza, ganha a literal dimensão de um dogma. Erro sobre erro, tudo como consequência de uma primeira afirmação embasada em uma premissa mutilada, parcialmente falsa, de que a Educação Física será tradicional em função de conteúdos que poderiam, sem embargo, ser desenvolvidos a partir de quase qualquer proposta educativa contemporânea, casos do esporte e da ginástica.

Considerações finais

Morin (2006), no mesmo capítulo de *Os sete saberes...* em que aponta o erro como um dos riscos inerentes ao conhecimento, também o faz quanto à ilusão. Caímos nessa armadilha quando permitimos a supremacia da ideia, do mito e/ou da imaginação sobre o real. Evitaremos a armadilha, portanto, não imaginando que estas palavras venham a detonar uma revolução na Educação Física brasileira. Trata-se apenas de um ensaio e, como tal, também passível de erro em um risco comum ao gênero. É, porém, um ensaio em que algumas de nossas ideias são expostas com força e disposição, enquanto outras surgem a guisa de hipóteses e princípio de debate.

Durante anos compartilhamos o pensamento e adotamos como nossas as críticas que ora refutamos quanto à Educação Física tradicional. Isso não quer dizer, em hipótese alguma, que nos assumimos como tradicionais, longe disso. Colegas de trabalho e alunos sabem que nossa atitude habitual (e habitual não quer dizer tradicional) é bem diferente. Inclusive, este trabalho que vai chegando ao seu final foi inspirado em um questionamento efetuado por uma aluna/orientanda em pleno processo de elaboração de seu trabalho de conclusão de curso. Fascinada pelo discurso libertário das abordagens críticas, sobre as quais iria escrever, em determinado momento nos perguntou se não seria possível ser tradicional de vez em quando, mesmo sendo adepta de uma daquelas abordagens. Em muitas oportunidades pensamos e falamos sobre o assunto, mas pela primeira vez surgiu a possibilidade concreta de uma produção escrita sobre ele. E aqui estamos...

Buscar um dimensionamento mais realista quanto ao tradicionalismo na Educação Física, além

de um saudável desafio intelectual, é um risco calculado para a reputação profissional num meio em que chamar alguém de tradicional é quase uma ofensa, já que, conforme constatamos, esse tradicionalismo é erroneamente relacionado à ditadura militar, como se fosse exclusividade dela. Embora os discursos não se refiram explicitamente a isso, é possível ler nas entrelinhas a repulsa, que consideramos plenamente justificada, às práticas repressivas daquele período como prisões arbitrárias e tortura. Só é preciso entender que a Educação Física tradicional não tem, necessariamente, relação com isso. Ao menos, não pelo seu caráter meramente tradicional. Se a centralidade no professor, de forma rotineira, não pode ser considerada como prática libertária, também não pode sê-lo como criminosa. Sendo assim, o tradicionalismo, por mais que dele se possa discordar, deve ser aceito como uma opção pedagógica legítima, com importantes contribuições à História da Educação, em geral, e da Educação Física, em particular.

Percebe-se, a partir de sua caracterização, que a tradição pedagógica está mais presente na Educação Física do que se possa imaginar. Há um enorme contingente de professores que, a título de se opor ao 'esportivismo tradicional', apela para as denominadas 'atividades lúdicas', em que eles conduzem todo o processo, inclusive atuando como árbitros, aplicando o que, de forma grosseira, poderíamos denominar talvez de 'regras oficiais de queimada'. Não seria isso, então, uma prática tradicional? Por outro lado, será que na extrema complexidade de variáveis que influenciam o andamento das nossas aulas, não aparecerão momentos em que as estratégias mais adequadas sejam, simplesmente, o professor tomar a iniciativa de ensinar? Pensamos que negar essas possibilidades, negar o passado, as origens, com base em premissas equivocadas é um grave erro. Corriqueiro, entretanto.

Isso nos preocupa, uma vez que em História da Educação Física, uma das disciplinas que ministramos na licenciatura, utilizamos o argumento de que o conhecimento e a valorização das raízes contribuem significativamente para a construção de uma identidade profissional de que a Educação Física, notoriamente, ainda carece. Temos a convicção de que essa construção passa pela atuação das novas gerações de professores que, para isso, precisam de uma formação mais aberta, plural, menos preconceituosa e rancorosa. Urge, portanto, uma revisão criteriosa e despida de vaidades fúteis de alguns dos conceitos predominantes na área.

Referências

- BRANDL, C. E. H. A consciência corporal na perspectiva da Educação Física. **Revista do Conselho Federal de Educação Física**, n. 2, p. 30-32, 2002.
- BOSSLE, F.; MOLINA NETO, V. Leituras para (re)pensar o trabalho coletivo dos professores de Educação Física. **Movimento**, v. 15, n. 3, p. 89-107, 2009.
- CNE-Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES 7/2004. **Diário Oficial da União**, Brasília, 5 de abril de 2004, Seção 1, p. 18. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfisc_a.pdf>. Acesso em: 10 maio 2011.
- CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007.
- DAOLIO, J.; VELOSO, E. L. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a Pedagogia do esporte. **Pensar a prática**, v. 11, n. 1, p. 9-16, 2008.
- GANCZ, R. O ensino da História da Educação Física no Brasil: ainda seguimos uma visão linear? In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2006, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. p. 1978-1998.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LINCZUK, E. L. **Formação em Educação Física: concepções e áreas de intervenção expressas nos cursos de graduação de Curitiba**. 2003. Dissertação (Mestrado em educação)-Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2003.
- MAGALHÃES, A. G. Q. Psicomotricidade: uma nova perspectiva de educar. **Norte Científico**, v. 1, n. 1, p. 166-173, 2006.
- MAGALHÃES, C. H. F. Breve histórico da educação física e suas tendências atuais a partir da identificação de algumas tendências de ideais e ideias de tendências. **Revista da Educação Física**, v. 16, n. 1, p. 91-102, 2005.
- MELO, V. A. História da Educação Física e do esporte no Brasil - Panorama, perspectivas e problemas. **Revista Eletrônica de História do Brasil**. v. 1, n. 1, p. 12-34, 1997.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2006.
- OLIVEIRA, A. Historiando as brincadeiras tradicionais na escola: um projeto pedagógico para as aulas de Educação Física. In: III ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 3., 1999, Niterói. **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999. p. 48-50.
- OLIVEIRA, V. M. **Consenso e conflito da educação física brasileira**. Campinas: Papyrus, 1994.
- PEREIRA, A. L. F. As tendências pedagógicas e a prática educativa nas ciências da saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. 5, p. 1527-1534, 2003.
- PILETTI, C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Ática, 1995.
- QUINTAS, F. **A civilização do açúcar**. Recife: Sebrae, Fundação Gilberto Freyre, 2007.
- Documentos eletrônicos**
- SO, M. R.; BETTI, M. Saber ou fazer? O ensino de lutas na Educação Física escolar. In: COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA: AS LUTAS NO CONTEXTO DA MOTRICIDADE / SIMPÓSIO SOBRE O ENSINO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: 15 ANOS DO CURSO DE EF DA UFSCAR / SHOTO WORKSHOP, 4 / 3 / 5., 2009, São Carlos: Sociedade de pesquisa qualitativa em motricidade humana, 2009. p. 540-553.

Received on August 9, 2013.

Accepted on December 11, 2013.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.